

A coincidência é que ontem Shakespeare estava de aniversário, 23 de abril, dia de São Jorge pra quem é devoto. Não sabemos exatamente o dia que ele nasceu, mas sua certidão de batismo registra 26 de abril e pela prática, 2 ou 3 dias antes, então provavelmente ele nasceu no dia de São Jorge, mas morreu no dia 23 de abril também, mesmo dia que morreu Cervantes, só que a Espanha seguiu o calendário gregoriano e a Inglaterra não. Ou seja, Shakespeare morreu há 399 anos e o ano que vem será o quartocentenário da morte de Shakespeare, com comemorações no mundo inteiro. E se ele estivesse vivo ele faria 451 anos. Pouca gente, talvez só a rainha Elizabeth II pudesse lembrar dessa infância shakespeariana. É um homem particularmente misterioso, porque dele temos pouquíssimos documentos, o nome dele aparece pouquíssimas vezes, de tal forma que houvesse até quem dissesse que Shakespeare não existiu, tamanha a escassez de documentos sobre sua carreira, os mistérios de sua vida. Foi muito moda no século 19 dizer que ele nunca existiu, eu talvez tenha sido um codinome de Francis Bacon ou de outro intelectual. Porque se dizia como um homem que não fez universidade, um homem que nunca saiu da Inglaterra, pudesse escrever sobre a Itália, sobre a Alemanha, França, Alemanha, a Sicília, com tanta prioridade sem nunca ter feito faculdade. Como um homem podia ser tão original sem nunca ter feito nenhum desses cursos superiores. A minha resposta é exatamente a mesma que a maioria dos amantes de Shakespeare dá, ele é original porque nunca fez uma faculdade, é isto que o torna especial. Se ele tivesse sido formado pela universidade do século 16, Oxford ou Cambridge, ele seria um intelectual acadêmico, falante de latim, dominando as línguas clássicas, seria voltado à reuniões de departamento, ele preencheria relatórios, estaria inserido no mundo acadêmico e não produziria nada de útil ou de significativo para o resto do mundo. Na verdade é não ser universitário que explica a originalidade. Grande parte dos grandes intelectuais que mudaram o planeta como Francis Kafka não passaram pela universidade, ainda que a universidade seja um grande celeiro também de intelectuais muito produtivos. Há mistérios profundos sobre a vida de Shakespeare, se ele era um criptocatólico, anglicano, se era um católico aparente já que ele fala muito bem da igreja católica. Sobre a sua sexualidade, provavelmente ele gostava de homens e de mulheres. E também sobre os anos perdidos que ele estava, principalmente entre 1582 e 90, e outros mistérios criados sobre sua vida e sobre sua aposentadoria. Pai de 3 filhos, casado, casou-se com a esposa já grávida, teve pouco contato com ela depois, ficou quase 20 anos em Londres, voltou e se aposentou, e está enterrado em Stratford, na Inglaterra, onde ano que vem seu túmulo será alvo de peregrinações. Túmulo dele nunca foi mexido porque tem uma maldição, quem mexer no túmulo está amaldiçoado. Dizem que está sobre o corpo dele a sua 38ª peça inédita, então há um mistério no ar.

4"10

A peça que nós vamos tratar é um dos livros mais importantes da nossa tradição literária, é uma peça do modelo de vingança que a gente chama da típica comédia espanhola, apesar da origem dessa peça ser um título dinamarquês sobre o príncipe Hamlet. Passa-se na Dinamarca, país que no passado havia invadido a Inglaterra. Passa-se em torno de um príncipe, Hamlet, que volta de seus estudos, junto ao seu tio Claudio que acaba de casar com sua mãe viúva Gertrudes, recém-celebrando o casamento sobre a índole espiritual sobre a morte de seu pai, também chamado Hamlet. Trata da sua namorada, de uma situação um pouco ambígua, que é

Ofélia. As duas personagens femininas, Gertrudes e Ofélia, são relativamente fracas na peça, ao contrario de outras peças. De um cortesão chamado Polonio, do seu filho Laerte, que também é o pai de Ofélia, de amigos como Horacio, e de pessoas ao redor da corte. A temática clássica de Shakespeare e de toda tragédia grega chamada 'hibris', o desequilíbrio, ou seja, um acontecimento que detona um período catártico de transformação. É Édipo descobrindo que casou-se com a mãe e matou o pai, é Antígona querendo enterrar o irmão, é Medeia descobrindo, e isso era terrível na Grécia antiga, que seu marido a trocou por uma mais nova. E Shakespeare trabalha com o mesmo princípio da tragédia grega. Há um desequilíbrio e um rei foi morto. Há algo estranho nisso, um outro assumiu o poder de forma ilegítima e a ordem tem que ser restaurada. Poder, legitimidade, dever e vingança. A peça trata muito da questão política central em Shakespeare e nós a vemos por existencial porque temos outra leitura. A peça Hamlet é uma peça clássica. Do ponto de vista pessoal é provável que seja a peça que eu mais tenha lido a vida inteira, desde que li a primeira vez no ensino médio. É provável que uma ou duas vezes por ano, e nos últimos anos mais que isso... é uma peça que devo ter lido mais que qualquer outro livro, é uma peça que conheço o texto bastante vezes. Peça que já vi, cataloguei em casa 11 filmes variados chamados Hamlet. Desde o clássico do Laurence ao Hamlet russo, são clássicos que re-significam Hamlet. Há algo a aprender? Vou dar um exemplo pessoal. Há cinco anos faleceu meu pai, e a partir do momento que perdi meu pai a orfandade do Hamlet teve outro significado pra mim. Pela primeira vez eu senti o que significa a perda de alguém muito próximo, como Hamlet. Pela primeira vez eu senti alguém que tinha partido e que eu nunca mais encontraria, que é o que o Hamlet comenta varias vezes. A perda do meu pai me fez ler o Hamlet com outro lar. E isso é uma obra clássica, é uma companhia permanente, que não desaparece, para a vida inteira. É uma companhia que posso ler quantas vezes eu quiser e reencontro algo, isto é a definição de uma obra clássica, ela sempre me traz algo de novo.

8''

A ideia de estar na companhia de um livro, quando o livro é serio e eu quero estudá-lo com uma boa xícara de chá, quando quero que o estudo se interrompa mais ou menos no meio com uma boa taça de vinho. A ideia da companhia de um livro é uma das ideias mais agradáveis que nossa cultura inventou. Volto a insistir com vocês que alguém que não lê terá uma infância muito solitária, uma juventude solitária e uma velhice muito solitária. Porque a nossa grande companhia são as pessoas, mas elas não estão sempre disponíveis. E os livros como os de Shakespeare fazem a gente viajar de uma forma extraordinária porque eles unem o alto e o baixo, unem o vulgar e o sublime, ao contrario de outras obras; eles são universais, eles falam da liberdade do ser humano, eles falam da consciência das pessoas em todas as peças, do grau extremo da consciência das pessoas. Trazem os defeitos de uma época, que hoje nós consideramos errados, como a desconfiança dele das mulheres. No Hamlet ele diz 'fragilidade, teu nome é mulher'. Pode ser traduzido também como 'inconstância, teu nome é mulher'. Fala do conservadorismo político, Shakespeare odeia povo, ele gosta de reis, aristocratas, Shakespeare gosta de gente que seja nobre como Hamlet, e o próprio Hamlet se desespera com a morte do pai e é capaz de matar seu quase sogro, Polonio, sem nenhuma culpa. Porque não é de fato alguém de sangue nobre. Fala também do seu anti-judaísmo no mercador de Veneza. Shakespeare como quase todo mundo do século 16 tem sentimentos negativos com o judaísmo, apesar de ele nunca ter visto um judeu na vida, porque na

Inglaterra eles tinham sido expulsos e só voltariam no século 17. Ele também tem um defeito estrutural, é um home fraco pra conceber enredos. Das 37 peças, existe um debate sobre a 38ª, 154 sonetos, 2 poemas épicos, ele criou um enredo original apenas de um. Todas as outras ele adaptou, chupou, copiou. É um homem que copia o enredo e dá a este enredo uma vida enorme. Criou 2 mil palavras na língua inglesa, 2 mil palavras em inglês são atribuídas, pela primeira vez localizadas em Shakespeare. Suas frases famosas como 'ser ou não ser' são as mais citadas na língua inglesa. A frase da Miranda na tempestade, sua ultima grande comedia, 'ó admirável mundo novo' é titulo de uma serie de reflexões. Todo mundo é um teatro, da peça... é uma peça com essa frase fabulosa. Meu reino por um cavalo aparece em Ricardo III. O meu corpo é um jardim e minha vontade é o jardineiro, diz o pior vilão de Shakespeare na peça Otelo. Seus temas como o amor, que as pessoas interpretam que Romeu e Julieta seja sobre amor, na verdade não é, mas assim foi lido. O tema como ciúmes no Otelo, tema sobre poder no Ricardo III e a velhice no rei Lear. A frase que mais gosto no rei lear, quando ele completa 90 anos e faz uma bobagem sem tamanho, seu bobo comenta com ele 'pobre Lear, que ficou velho antes de ficar sábio.' Que é a pior coisa que pode acontecer, já que a velhice é inevitável a sabedoria é um ganho, porque senão você será apenas um velho bobo.

11"50

Um homem que escreveu na chamada idade de ouro da literatura inglesa, idade elisabetana. Elizabeth, a terceira filha sobrevivente de Henrique VIII, filha de Ana Bolegna, que sobe ao trono em 1558 e morre em 1603. Como vocês viram, mulher no trono inglês dura muito... E ele enfrentou bem a transição pra a era Stewart, tanto que quando ele representou Hamlet para o rei e sua rainha, que era Ana, a rainha da Dinamarca, ele cortou algumas frases do Hamlet, como por exemplo que os dinamarqueses eram bêbados. Ou seja, Shakespeare, Hamlet as vezes é traduzida no português de Portugal como Hamleto. Meu amigo Rodrigo Lacerda lançou um livro Hamlet ou Ameleto. Tudo isso era pra situá-los numa época em que a Inglaterra esta se formando como nação, é apenas Inglaterra, não há reino unido, não há união com escócia, pais de Gales e a chamada Irlanda do norte. É o momento que a Espanha tentou invadir a Inglaterra, a maior potencia mundial em 1588, a invencível armada tentou tomar a Inglaterra e não conseguiu. Este é o momento de exaltação nacionalista, de um publico sendo formado, de um teatro diferente deste nosso. Nós temos um palco italiano, ou seja, publico e palco. Os ingleses tem o palco elisabetano, o teatro vai com o palco até o meio do publico, o publico interage, joga coisas nos atores. Por isso que as peças começam com fantasmas, como no Hamlet, para o publico calar a boca. A aparição de um fantasma assusta a platéia e eles ficam em silencio. Começar a peça com uma dança, um raio, uma tempestade como no MacBeth. Ou com a aparição de 3 bruxas ou com uma grande batalha. Tudo isso faz parte de um universo que não daria uma aula, mas daria dezenas de aulas. Uma personagem importantíssima, a definição do homem moderno, o primeiro homem moderno é o príncipe Hamlet. Mas meu foco não é analisar Shakespeare, mas analisar especificamente 10 questões, que é o clássico e o cotidiano. O que tem Hamlet pra me dizer hoje, neste mundo de facebook, nesse mundo de internet? O que Hamlet diria ao publicar foto no Instagram? Qual seria a relação do principe com este mundo, qual a relação dele com o fundamentalismo em ascensão? O que diria Hamlet sobre tudo isso? E eu destaquei 10 perguntas ao principe, que acho que ele responderá pela minha boca, e talvez não seja fiel a ele, mas ele também entenderia isso.

15"13

O príncipe Hamlet é o primeiro homem moderno, primeiro homem em que a metafísica não tem poder, apesar de a peça envolver 3 aparições de um fantasma. Apesar de a peça envolver discursos religiosos, como o enterro de Ofélia ser licito ou não, sobre o príncipe matar ou não o rei Claudio, com medo de matando ele vai pro céu já que estava rezando, mas é a primeira vez em que estamos diante de um homem que toma decisões a partir de lógicas e estratégias. O príncipe Hamlet é a primeira personagem que vive o príncipe de Maquiavel. São dois príncipes, o florentino do início 16 e o inglês, vamos datar a peça segundo os autores por volta de 1600. A crença no poder do eu, da ação e da liberdade. É a glória e tragédia do nosso tempo, exclusivamente a nossa crença profunda no eu. E o primeiro ser que proclamou o eu como elemento fundante do mundo, ou seja, que pena que eu tenha de consertar a... A primeira coisa que tenho de fazer é consertar a Dinamarca. Este eu, que depois vai fluir nas redes sociais, soa origem ao príncipe. Hamlet diz com certeza que ele é agente de sua história, quando ele arranja uma peça dentro da peça, quando ele se finge de louco, quando ele engana as pessoas, quando aceita ou diz não as questões. É a primeira vez que o eu é soberano e essa é a grande luta da modernidade. O antropocentrismo moderno é a frase ambígua do príncipe, citando filósofos gregos, ao dizer que a obra de arte é o homem. Ainda que ele diga logo em seguida que pra ele não seja nada. O primeiro passo do Príncipe pra nós é sobre o poder do eu. O poder que o príncipe proclama ao tomar uma decisão clara de não se matar no monólogo ser ou não ser. Há interpretes que não acham que o monólogo seja sobre o suicídio, apesar de ele citar versos sobre o suicídio, mas é a primeira vez que alguém diz 'eu sou senhor do meu destino'. Apesar de o Romeu ter dito eu sou um juguete do meu destino, e o príncipe ter reclamado que as coisas não saem como ele quer, ele é a primeira pessoa no teatro moderno contemporâneo que afirma o seu eu como principio instaurador da ordem, sem nenhuma metafísica. Ele é a primeira personagem da grande obra canônica a proclamar o fim da redenção pelo amor. Ofélia não é a personagem importante pra ele. Ele não se importa em matar o pai da ex-namorada, não se importa em matar o irmão da já falecida namorada e não manifesta uma culpa intensa que ela tenha ficado louca e se suicidado em função do amor por ele. Ele não faz do amor um elemento de redenção, ele não é romântico, ele é um homem moderno. O amor é um instrumento que existe ao redor dele. O amor não é o foco do Hamlet, como não é do Romeu e Julieta. Se as pessoas interpretam que Romeu e Julieta é uma peça sobre o amor, devem lembrar que Romeu começa a peça apaixonado por roselyn. E vai a uma festa para esquecê-la. E vê Julieta e esquece roselyn em um segundo e diz que Julieta é a coisa mais linda que ele já viu a vida inteira. E num celebre soneto ele proclama que ele é um peregrino indo aos lábios da catedral da Julieta. Eles se proclamam amorosos na cena do balcão na noite de domingo pra segunda. Eles se casam na terça-feira, tem a sua primeira relação sexual e única e morrem na quinta-feira. Se isso é um modelo de amor. Um amor que vai de domingo a noite ate quinta de manha, eu amei intensamente dezenas de vezes na minha vida. A ideia que fazemos de Romeu e Julieta ser sobre o amor é a ideia romântica, a ideia do século 19. A peça é sobre a ordem política. E a personagem central é o príncipe scalus, que 3 vezes entra em cana para estabelecer a ordem. Porque Romeu e Julieta nos passa a seguinte lição: sigam os conselhos dos pais, porque seguir o coração só dá problema. Se você casar fora do que os pais aconselham, o resultado será tragédia, porque o amor nos casos mais intensos sura 4 dias. E o resto permanece. Ou seja, a peça nos diz 'não casem por impulso, não

olhem para o coração porque a paixão é uma infecção temporária. Olhem que o casamento é para sempre, até que a morte os liberte. Ou separe'. Ou seja, Romeu e Julieta fala da ordem, como tudo em Shakespeare.

20''28

E Hamlet diz que tem um príncipe que amou Ofélia. E chega a dizer quando cai no tumulto lutando com seu irmão, que comeria por ela um crocodilo, uma das provas de amor mais exóticas de toda a história. Pergunta ao irmão 'você amava como eu, eu a amava a ponto de comer por ela um crocodilo'. Um mistério profundo, uma declaração de amor estranha. Apesar da idade moderna ser por excelência a idade da retórica e da etiqueta, Hamlet é o grande crítico da retórica e da etiqueta. Apesar de Hamlet usar da retórica, Hamlet critica duas personagens, a primeira é o próprio polônio, que fala de forma retórica e nunca se coloca, nunca está presente... polônio é sempre o homem da cena, o homem que diz o que deve ser dito. A própria rainha Gertrudes se irrita e pede mais brevidade de polônio. Polínio que Hamlet mata comparando a um rato. Polônio é o homem da etiqueta, um homem da corte e Hamlet o mata dizendo que ele morreu exatamente do jeito que ele sempre viveu, ou seja, enganando aos outros. E quando uma personagem super afetada na transição do ato 4 pro ato 5 vem convidá-los para um duelo entre Hamlet e o irmão de Ofélia, Hamlet pergunta 'você o conhece', o amigo diz não, então 'você é uma boa pessoa'. Porque ele é uma pessoa totalmente inclinada à etiqueta. No mesmo momento que a etiqueta e a retórica começavam a hipertrofiar na sociedade contemporânea Hamlet começa a dizer que a etiqueta não tem nenhum valor. O importante é o que você é e não o que você aparenta, apesar de Hamlet dominar a retórica. Outro elemento importante, que chamei de quarto elemento, Hamlet é o anti-facebook. Não só não é feliz como não faz questão de parecer feliz. Hamlet nada publica ao estilo 'almocei, está sol aqui' e jamais diz 'kkkk'. Hamlet é melancólico, se veste de preto e anuncia que o preto é a cor que reflete melhor o estado da sua alma. E quando dizem que sua melancolia é uma doença, ele diz no ato 2, na cena 2, 'eu podia ser livre numa casca de noz. Não importa onde eu esteja, o importante é a minha consciência'. Hamlet tem uma consciência brutal e quem tem consciência brutal não sorri o tempo todo. Não publica o tempo todo, não bate foto de tudo. E não compartilha cada micro movimento da sua vida medíocre pra que o mundo faça curtir e as pessoas respondam kkkk. Porque essa fascinação pelo potássio, o K, ela é obsessiva e estranhíssima.

23''35

Hamlet não faz questão de esconder que é melancólico, Hamlet não pertence a geração que acha que ser feliz é uma obrigação. Hamlet certamente acharia que os otimistas são mal informados. Você acha que o ano vai melhorar no segundo semestre faltam-lhe informações. Você acha que agora a economia se acerta, você está fora da realidade. Hamlet anuncia que tendo consciência do mundo é muito difícil a ele viver feliz, apesar de cultivar valores como amizade. E no começo da peça, uma ligação evidente com a sua mãe que vai levar Freud a identificar nele certo complexo de Édipo. Bloom, especialista em Shakespeare, acha um absurdo ler Hamlet a luz de Freud, ele acha que devemos ler Freud a luz de Shakespeare, porque devemos ler o menor pelo maior, e não o maior pelo menor. Bloom gosta mais de Shakespeare do que Freud. Além de ser melancólico, triste, além de ser uma personagem que

não tem a necessidade de demonstrar felicidade, ele é um personagem que trabalha bem um clássico que é a vanidade, a vaidade. Diz na bíblia vaidade das vaidades, tudo é vaidade. E esse é um tema medieval clássico que ressuscita na idade moderna. A cena mais impressionante sobre a vanidade é quando ele enfrenta a única personagem de uma peça de 5 atos, que o enfrenta de igual pra igual, que é o coqueiro. É o único personagem que não cede a argumentação dele, e faz piadas com ele. Faz uma piada que tinha muito sentido em 1600. Mandaram o jovem príncipe Hamlet para a Inglaterra, e Hamlet pergunta 'por que?'. 'Porque enlouqueceu e na Inglaterra ninguém notara a diferença'. É uma piada de 1600. Quando os coqueiros mostram os crânios e ele encontra o bobo da corte, ele escreve 'mais um, talvez o crânio de um advogado, onde foram parar seus sofismas, seus mandatos, suas chicanas. Por que permite agora que um patife estúpido arrebe a caveira com essa pá imunda, não o denuncia por lesões corporais. No seu tempo talvez esse outro sujeito tenha sido um grande comprador de terras, com sua escritura, fianças, termos, hipotecas, tomada de posse. Será aí a retomada final de nossas posses? O termo de todos os nossos termos. Será termos a caveira'. Ou seja, ele está dizendo aquilo que a igreja diz toda a idade média, demonstrando sua ligação com uma tradição religiosa também estoica. Ao final, se você se hidratar todos os dias, será um cadáver bem hidratado. Porque todos morrerão. Os que tiverem botox, desidratados, os maquiados, todos morrerão. Porque todos que estão nessa sala um dia morrerá. E a vanidade nos lembra da brevidade da vida. Se a vida é breve e passageira, se a vida não tem um sentido imediato, e ele não tem certeza que tem um sentido metafísico de que serve viver.

27''14

É muito curioso, e coloco isso como 6º elemento tirado do Hamlet, que no Hamlet talvez esteja o primeiro núcleo da auto-ajuda contemporânea. Polônio, o homem vazio, o homem da retórica, que ninguém suportava seu jeito. Polônio dá aos filhos conselhos mais sábios, práticos e diretos para a felicidade. Quando Laerte volta pra estudar em Paris, Polônio dá os seguintes conselhos: 'não expressar tudo o que pensa, ouvir a todos mas falar com poucos, ser amistoso mas nunca ser vulgar, valorizar amigos testados mas não oferecer amizade a cada um que aparecer na sua frente, evitar qualquer briga, mas se for obrigado a entrar numa que seus inimigos o temam, usar roupas de acordo com sua renda sem nunca ser extravagante, não emprestar dinheiro a amigos para não perder amigos e dinheiro, e por fim ser fiel a ti mesmo e jamais será falso com ninguém'. Esses conselhos absolutamente lógicos, coerentes, é a primeira vez que a sabedoria é sintetizada em alguns versos, e é a primeira vez que alguém diz o princípio no futuro se transformará no Genesis da auto-ajuda, ser fiel a ti, seja fiel a você e você será fiel a todas as pessoas. Essa é uma ideia muito interessante porque é anunciada pelo homem mais estúpido da peça, que é Polônio. Ou seja, ouça seus conselhos mas não siga sua prática. Ofélia tinha acabado de dizer ao irmão algo parecido. Quando o irmão aconselha a virtude, ela diz 'mas não seja como alguns pastores, que aconselham virtudes aos fieis mas seguem outro caminho'. Ofélia já havia advertido porque naquela época alguns pastores diziam uma coisa na igreja e faziam outra atrás. Era uma coisa muito difícil o fim do século 16. Há um elemento fabuloso dentro do Hamlet que nos remete a um recurso que será muito usado inclusive em novelas futuras, uma peça dentro da peça. A consciência da realidade usando uma linguagem técnica, o signo do signo. O mundo do Hamlet passa a ser mais real, porque o mundo da peça é mais irreal. Colocar uma peça dentro da peça, um filme dentro de um filme. Colocar esse tipo de representação é algo que reflete uma consciência de dois

planos, um plano que se aproxima mais do real e um plano que pretende ser mais interpretativo. Há uma consciência terrível nele, que é sobre política. A peça como tudo em Shakespeare tem um viés político. A frase mais citada da política shakespeariana é quando o príncipe diz 'há algo de podre no reino da Dinamarca'.

30''24

Hamlet sente que a corte está tomada pela corrupção, não sabe bem o que fazer. Hamlet não pode ser apoiar no tio, não pode se apoiar na mãe. Não sente firmeza em polônio. E são mandados a ele dois amigos, que são na verdade alcagüetes. Hamlet tem de dizer 'há algo de podre no reino da Dinamarca'. Diz o grande Bloom nos seus dois livros sobre Hamlet. Em um capítulo do livro, e outro dedicado todo ao Hamlet, que é Hamlet poema ilimitado. Diz Bloom, 'foi a consciência que o envelheceu, a consciência catastrófica da mazela espiritual que assola o mundo, que não quer ser chamada a curar. Tão somente porque a verdade causa da sua versatilidade é o impulso da liberdade. Faz séculos. Os críticos concordam que o maior apelo do Hamlet é o paradoxo. Nenhum outro personagem da auto-tragedia parece tão livre, mas o mal de... é o mal de todo tempo e lugar. Todo estado tem algo de podre, e os que tem sensibilidade semelhante ao de Hamlet cedo ou tarde vão se rebelar.' Há uma categoria de pessoas dando conselhos políticos a hamlet que são as pessoas felizes. Essas pessoas felizes no Brasil seriam aquelas que acreditam profundamente que a corrupção está a cargo de um partido. As pessoas que acham que a corrupção está a cargo de um partido e que bastaria tirar este partido do poder para que o reino da justiça e da igualdade se instalasse no país são pessoas muito felizes. São pessoas que substituíram cultos como do papai Noel e do coelhinho pelo culto da corrupção isolada. E quando digo isso não estou dizendo que um ou outro partido não sejam notáveis pela corrupção. Estou dizendo que a corrupção que Hamlet nota começa no leito da sua mãe na Dinamarca, a micro física do poder. A corrupção começa no andar pelo acostamento, a corrupção começa no recibo de dentista comprado pra entregar o imposto de renda, a corrupção continua no atestado médico falso entregue pelo pai para justificar o filho que apenas vagabundeou para a prova, a corrupção continua com o colega que na aula de ética e filosofia assina a lista pelo colega, citando Espinosa e a sua ética; a corrupção continua em todos os lugares e apenas numa ponta do iceberg, como ultimo elemento da corrupção, ela chega a um partido, a um governo e a um poder. Se a corrupção fosse de um grupo, eu seria uma pessoa profundamente feliz. Rejeitaria Hamlet, adotaria Paulo coelho, seria uma pessoa absolutamente tranqüila, porque a partir desse momento eu teria consciência que eliminando aquelas pessoas que são do mal eu estaria livre. Hamlet na sua consciência vai percebendo que o mal vai por todos os lados, inclusive nele. E a consciência, como diz no seu mais famoso monologo, Hamlet é responsável por quase metade das falas da peça, ele vai dizer 'a consciência nos torna covardes'. Porque quanto mais eu envelheço, e hamlet envelhece muito nos atos finais, é um mistério da peça, ele dá um salto cronológico, quanto mais eu envelheço mais eu tenho medo, quanto mais eu tenho medo mais eu vou tendo consciência do mundo.

34''27

Eu comentei um dia numa aula que diante de uma piscina nova numa casa em Florianópolis, eu desci como desce uma pessoa na minha idade. Primeiro botei a ponta do pé pra ver a

temperatura da água, depois segurando na escada com uma firmeza notável fui afundando aos poucos sem saber a profundidade da piscina ou se eu passaria mal. E finalmente aos pouquinhos fui molhando os países baixos, as áreas européias e fui afundando na piscina. Meu sobrinho de 18 anos se atirou na piscina. Ele tem 18, eu tenho 52. A consciência nos torna covardes. Eu jamais vou a qualquer lugar sem reserva de hotel, planilha Excel com tudo anotado, eu não saio sem remédio. Levo guarda-chuva, casaco, lenço. E se precisar um papel higiênico na maleta porque pode ser que não tenha. Jovens nunca saem de guarda-chuva na rua, guarda-chuva é sinal de idade. Jovens jamais acreditam que vai chover sobre ele, se chover eles se esconderão da chuva, e eu sempre acredito que choverá sobre mim. A consciência nos torna covardes. Eu levo óculos extra, levo casacos. Quanto mais envelheço maior fica a *nécessaire* dos remédios. O que significa isso? Eu percebo que a vida tem riscos e que a ignorância é uma benção. Ou seja, quanto menos eu soubesse dos riscos do mundo, melhor eu faria. E o que fazer com essa consciência? O que fazer do fato que eu sei, que enquanto os outros gritam dia 31 de dezembro, feliz ano novo, eu digo 'vai ser um ano igual a todos, só que mais velho'. E um ano mais próximo da morte. E como dizer isso sem estragar a festa dos outros né? Enquanto eles cantam esse ano quero paz no meu coração, e eu penso cada vez terei menos amigo porque eles estão morrendo ou se afastando. Porque a ignorância é uma benção. Ou seja, todo estado tem algo de podre, e quando eu sei que a mudança de um governo não é a mudança da estrutura, eu não vou ter a expectativa, a alegria daquela nova posse em 1º de janeiro, quando o novo partido que vai restaurar a ética num país enfim transformado. E quando alguém diz que na ditadura militar era melhor, eu digo 'é, era uma beleza, eu lembro desse paraíso que era'. Ah, dom pedro II era ético, eu listo 10 escândalos do impérios pras pessoas. A consciência é um peso. Como seria bom imaginar que nós tivemos um imperador inteiramente simpático e um período em que apesar da repressão a ética tivesse dominado. Como seria bom, só que não foi assim. A democracia, pelo contrario, trouxe à tona todas as mazelas do nosso mundo e esse é o defeito da democracia. Ela nos dá a consciência do que somos. E por isso esse espelho de Oscar Wild, esse espelho de Dorian Gray é desagradável porque a medusa é a górgona que nos contempla, como a obra de Caravaggio.

38"06

Ser ou não ser, pergunta o príncipe no 9º item que eu destaco. Qual o sentido do ser ou não ser. O verbo 'to be' vocês sabem que em inglês pode ser tudo, é o primeiro e único verbo que os professores de inglês ensinam a vida inteira na escola. Porque ser ou não ser pode ser traduzido, como fazem alguns tradutores recentes, como existir ou não existir. Cada época diz uma leitura. O próprio Hamlet dá uma pista ao Horácio dizer que ele entregaria de bom grado o seu coração a um homem que fosse senhor de suas emoções. Porque uma pessoa apaixonada é uma pessoa perigosa. A pessoa que tem domínio de si, pensa o principio, é a pessoa que jamais se ofenderá. Como já disse várias vezes, eu só posso me ofender se eu não me conhecer. Alguém me insulta dizendo algo sobre uma questão pessoal, só há duas hipóteses: a pessoa está dizendo a verdade ou ela está mentindo. Dizem que minha mãe é de moral duvidosa, insulto básico. Eu reflito sobre a biografia da minha mãe e não constato nenhuma indicação de que ela tenha tido moral duvidosa. Pelo contrario, sua aparência nas fotos nunca sorrindo é de alguém que foi fiel a vida inteira a um único marido, jamais teve aquele sorriso largo de quem viveu abertamente no mundo. Ora, com isso o que estou constatando. Dizem que minha mãe é isso, ela não é e não posso ficar ofendido. E se ela fosse? Também não

poderia ficar ofendido. Alguém no trânsito me grita: há algo sobre uma opção sexual possível que o motorista que fechei interpreta que eu tenho. Duas hipóteses: de fato eu tenho e não me ofendo, ou de fato não tenho e na me ofendo. É como alguém me gritar 'careca'. E eu digo 'bom, você vê. É sinal que você é dotado da visão'. Ou seja, o estoicismo de Hamlet é o estoicismo de quem se conhece. Quem pode ofendê-lo? Quando Polônio lhe pergunta 'o que o senhor está lendo?', ele diz 'palavras, palavras, palavras'. E o Polônio vai começar a perceber que debochando dele, Hamlet não perdeu a razão, mas está num outro tipo de sabedoria. Um homem que domina a si é um homem a quem Hamlet entregaria seu coração. A consciência moderna nos leva ao grande mal da modernidade que ninguém resolveu, e Hamlet apenas destapou essa pequena caixa de Pandora, a solidão estrutural da consciência moderna. Somos seres solitários, sempre fomos, mas a consciência coletivista medieval dava a sensação de uma cristandade, de uma unidade, de um deus que por todos zelava, de uma sociedade igual religiosamente. A modernidade trouxe a diversidade religiosa e a diversidade política. O inferno, vai pensar Sartre no século 20, está nos outros. Sartre e Hamlet chegam à consciência que estou inevitavelmente isolado na minha consciência. E a necessidade do mundo de nos oferecer coisas novas porque eu não tenho nada que interagir com o mundo. Por que príncipe Hamlet lê apenas um livro toda peça? E por que temos que ver 'velozes e furiosos 75', 'velozes e furiosos 86'. Porque na verdade eu não vi nenhum. E não tendo visto nenhum eu preciso que eles se repitam. Como de fato eu não tenho amigos, eu tenho 3 mil no face. Como não tenho uma vida interessante, eu fotografo tudo e compartilho com todos. A minha solidão se insinua de tal forma, que tenho de fazer com que os outros me digam aquilo que desconfio, que minha vida é uma vida que vale a pena ser vivida. Através da observação dos outros. Isso não é sinal de um narciso exatamente fraco, mas é sinal de um narciso cada vez mais isolado em si, sem comunicação com o mundo, sem ouvir mais a ninguém.

42"35

Já comentei aqui nesse espaço que é obsessivo nosso tipo de conversa. Qualquer informações que os senhores derem será respondido com a informação de outra pessoa. Eu Leandro sou de aquários, ah, eu sou de gêmeos. Meu ascendente é aquário, o meu é câncer. Ninguém ouve ninguém. A solidão individual, a dois ou a três, é a norma de todas as pessoas. E celebramos essa variedade de coisas porque temos cada vez mais dificuldade em estabelecer algo significativo e orgânico. O príncipe se sente mal na corte, porque ninguém lhe diz a verdade. Todos dizem a personagem Polônio, seu tio Claudio, sua mãe, sua ex-namorada, seus falsos amigos, todos dizem o que deve ser dito. Todos dizem o que é usual e ninguém está presente naquilo que fala. O príncipe extraordinariamente consciente, e sendo consciente o príncipe vai pensar seguidamente 'o que faço de fato com minha vida'. E como viver uma vida que seja orgânica, se todos os valores estão esgarçados. Depois de falar por milhares e milhares de palavras, quando ele morre numa cena trágica, morrem 8 pessoas na peça, e o Hamlet é o último a falecer nos braços do amigo, Hamlet diz a sua última frase 'o resto é silêncio'. Porque depois de ele ter dito tudo que é possível dizer, Hamlet não precisa dizer mais nada, porque agora o resto é silêncio. Que Hamlet parece dialogar conosco, é que as dores que nós inventamos, dores financeiras, físicas, de problemas familiares, fossem o disfarce de uma grande dor maior. A dor que não conseguimos nominar, por isso estabelecemos dores laterais, por isso estabelecemos que estamos bem ou não naquele dia. Hamlet diz exatamente que esta dor nasce do fato que todos naquela peça, em quase 4500 versos, estão dizendo a ele o que

deve ou não deve ouvir, e não exatamente o que as coisas são. Hamlet está olhando pro mundo e dizendo quando é que haverá alguém que vai me dizer o que as coisas são. Quando alguém dirá o que deve ser, quando alguém parará de colocar fantasias, de beber muito, ele reclama da bebedeira da corte, de disfarçar sua dor, quando começará a estar presente naquilo que fala, quando as pessoas começarão a ser e deixarão de não ser. Esta é uma pergunta muito dura de ser respondida, e como é muito dura a maior parte prefere não respondê-la. Como nós falamos muito, é provável que nós falemos muito, todo instante, ao celular, no whatsapp, porque não temos mais nada a dizer. E não tendo nada a dizer eu preencho esse vazio insuportável com falas constantes

46"03

Hamlet nos convida a olhar, esta é uma cena que não está prevista na peça mas foi interpretada desde o século 17, a olhar pra uma caveira e perguntar decididamente diante da morte inevitável, quem é que sou de verdade quando os outros que eu acho que me julgam pelo o que eu devo ser tiverem desaparecido. Por que eu não vivo desse jeito, meu pai e minha mãe, Sartre chamaria má fé, Hamlet chamaria apenas polônio, ou seja, a encenação, a etiqueta. Eu não posso fazer isso, o que minha família diria. Muito ou nada, mas igualmente relevante. Se a família apoiar ou criticar, você continuará sozinho. Mas como eu prefiro ao invés de enfrentar solidão, prefiro dizer que é uma opção por causa da minha família, dos meus filhos, vizinhos ou minha fé, eu prefiro sentir-me vigiado do que me sentir sozinho. Eu prefiro me sentir protegido pela critica do que largado pela indiferença. Esta é a pergunta central do Hamlet. O que eu responderia se nada fosse relevante a não ser a minha decisão e nada garantisse que essa decisão fosse correta. Quem eu seria se estivesse absolutamente só no mundo. A resposta do príncipe: você está só no mundo. Até porque sua vida será sempre solitária, com outros solitários ao seu redor, dando opiniões sobre eles. E você interagindo, dando opinião sobre si. E dizendo que você não toma essa decisão porque o outro é o obstáculo. Sartre de novo chamaria má fé. Eu estava lendo, relendo, refletindo sobre o que eu diria sobre esses itens, sobre Hamlet, quando tive a oportunidade de ver tardiamente o filme relatos selvagens, filme brilhante. Seis episódios curtos de vingança como o Hamlet. Seis episódios em que seis animais enunciados nos créditos iniciais do filme, vão aparecer em seis personagens. Seis episódios em que alguém decide... No primeiro episódio descobre-se que alguém reuniu num único avião todos seus inimigos, e decidiu jogar esse avião contra um casal que depois descobrimos nos créditos que são seus pais. Como seria interessante pegar um avião, juntar quem fez bullying comigo, vizinhos, alguns parentes, ex-maridos, ex-maridos, ex-mulheres, gente que esteve comigo, gente que se recusou a estar comigo, alunos um ou outro, pessoas do meu mundo, uma outra síndica, se eu pudesse colocá-los num avião e jogá-los, o que diria Hamlet? Relido a luz da nossa consciência contemporânea, pobre homem que acha que o problema do mundo está nos outros. Pobre homem que nessa vingança achou que era mal-amado porque os outros eram incompreensíveis e jamais olhou pra sua própria caveira e perguntou será que eles não tinham razão e que eu não era uma pessoa medíocre? Por que eu acho que todo mundo que me persegue tem inveja? Pode ser simplesmente alguém que esteja reconhecendo minha falta de qualidade. Será que humildade não é o disfarce ético da falta de qualidades? Uma briga de trânsito vale a pena? O filme mostra duas pessoas que envolvidas num desequilíbrio vão até a morte. E quando os dois estão queimados no cadáver final, o guarda lança a hipótese é um crime passional. E provavelmente sim, não

passional porque os dois homens machos, héteros, tenham tido um caso, mas passional porque ambas são vítimas de sua paixão. Passional porque ambos não se conheceram e decidiram que o ressentimento de dois mereceria a morte de ambos. Um por não ter o carro do outro, e o outro por não permitir que um carro simples barrasse sua passagem. Se minha honra está no ano do carro, há algo de podre no reino da Dinamarca.

51''04

Como é que eu posso ser racional engenheiro num estado latino, é o que descobre o senhor bombita, um homem que pensa racionalmente, mas descobre que é multado e guinchado sem razão. E ele decide que o estado deve ser racional, e ele morre nessa tentativa. Não morre no sentido físico, mas decide se vingar do estado. Curiosamente ele é amado apenas quando faz essa vingança. O que fazer se meu pior inimigo vier jantar no meu restaurante? Colocar veneno de rato na comida. E matar o filho dele também, o mal é hereditário, tem que ser punido igualmente. Como é que eu livro um filho que se meteu numa grande enrascada ao atropelar uma grávida. Pagando, pagando a todos os envolvidos, e tratando daquilo que Max previa, transformar todas as relações em mercadoria, já que todos são corruptos, o filho, a mãe, o pai, o advogado corrupto e todo o resto envolvido. E o episódio mais instigante, a noiva que está feliz casando no seu melhor dia da vida, e descobre coisa terrível que seu noivo a traiu, e convidou a mulher com quem traiu para o casamento. Horrível isso... é ficção. A noiva resolve se vingar saindo com o cozinheiro, depois passa a agredir a concorrente, ao jogar num espelho e quebrar sobre ela. E por fim os dois se enfrentam a quase ponto da morte e finalmente descobre um no outro, que na violência do traidor e da assassina agora adúltera, um respeita o outro e enfim eles descobrem o amor. Estranhíssimo, absolutamente natural. Até então eles tinham descoberto o noivado. E a data do casamento, e o vestido, e o pastrami quente citado no filme. Eles tinham descoberto a musica do casamento, eles só não tinham olhado um para o outro. E ao se olharem em meio a situação de destruição da humanidade, ao se olharem no fundo do poço, da agressão, os dois acabam constatando que se amam porque um animal olhou pro outro e se reconheceu como parte da manada. Um parou de idealizar o outro. E pela primeira sujos de sangue e quase mortos eles descobrem que se amam. Como o senhor bombita só é respeitado na prisão, e como os dois homens do trânsito só se encontram e se matam, na morte. Hamlet diria as vezes é preciso matar 8 pessoas para que a corte da Dinamarca se veja. As vezes é preciso apenas tentar matar o marido para que ele descubra que eu o amo. Isso não é uma indicação pessoal, isso é uma análise literária. O que fazer diante da consciência? Hamlet percorreu 5 atos, na maior peça em tamanho de Shakespeare, para testar a amizade com Marcelo, para testar a falsa amizade a , para descobrir que sua mãe cedeu apenas a sua sensualidade, para descobrir que seu pai quer vingança e para chegar ao ponto em que tendo matado polônio, tendo matado Claudio, tendo se envolvido numa trama que levava a morte de sua mãe, o suicídio de Ofélia. Que matou o irmão de Ofélia e que ele próprio acabou sendo ferido pela espada envenenada, em que ele passou por toda a provação, ele está pronto para olhar agora as coisas com objetividade. Como a peça segue regras retóricas, como todas grandes tragédias, a personagem deve se mutilar ou morrer ao final. Ou ela deve matar ou ser morta ou se mutilar. Édipo arranca os olhos, todas as personagens trágicas, da Grecia até amor de perdição, de Camilo castelo branco pra Sófocles, todas as grandes peças nós temos que purgar, temos que chegar a catarse, e Hamlet nos oferece um caminho um pouco distinto

55''04

Não é necessário que você mate 8 pessoas e a si para que atinja a sua consciência. É necessário que pela primeira vez na vida, diz o Hamlet em longos monólogos, você consiga dizer apenas o que as coisas são. E pra isso Hamlet teve que se fingir de louco. Me disse um psiquiatra no rio de janeiro, que quando ele era diretor todos os esquizofrênicos e outros abalados andavam pelo pátio fazendo isso, andando pra lá e pra cá, falando num telefone imaginário. E ele descobriu que com a invenção do celular, todos andam assim. Que os esquizofrênicos apenas eram visionários, do que seria nesse momento. Dizia ele também que todos com síndrome de persecutória viam câmeras filmando de todos os lados. E hoje estamos sendo filmados de todos os lados. Os loucos foram apenas faróis, pessoas que intuíram o que aconteceria. Porque como escreveu Erasmo no elogio da loucura, as vezes é preciso ser louco para dizer o obvio, as vezes é preciso ser louco pra dizer que todos os problemas que nos são mostrados na televisão são problemas falsos, para que não vejamos os reais. Que todas as fotos que são exibidas nas revistas são enganos de consciência para que eu não veja o que não quero ver. Que todas as festas são um barulho alto pra impedir que eu expresse a melancolia densa e profunda da minha existência. E quanto mais eu fotografar e passar adiante, e quanto mais eu escrever 'potassio, potássio, potassio', é maior sinal que estou triste. Estou precisando que o mundo entenda, curta a vida que eu não estou curtindo. Que o mundo inteiro me diga como é legal a vida que eu próprio estou achando insuportável. E se muitas pessoas me disserem isso, eu consigo evitar que o resto seja silencio, eu consigo evitar a solidão, e eu consigo finalmente descobrir que vivo em sociedade, mas que a consciência é minha, que meu projeto é meu, que minha vida é absolutamente minha. Que ela é resultado das minhas escolhas, que meu eu é imperativo, que estarei onde desejar, construirei a família que eu desejar, a partir de uma serie de reflexões e ações que vão interagir com o real, que vão interagir com a decisão das outras pessoas. Escreveu um filosofo que nós estabelecemos hospícios a partir do século 19 para que nós pudéssemos ter a certeza de que os que estão lá dentro são loucos, logo por consequência, se não estou no hospício há uma chance grande de eu não ser louco. Na idade media não tinha hospício, porque a separação de loucos e não loucos era muito mais fluida na idade media. Hamlet nos diz que temos de estabelecer poderes, etiquetas, formalidades, porque eu não agüento constatar que todo mundo é um teatro, e o papel que estou representando e que cada um representa na sua vida é insuportável. Porque não é o papel que eu escrevi, não é o papel que eu queria. Não é o papel absolutamente daquilo que eu desejava.

59''51

Recebi uma revelação de um senhor muito simples, porteiro de um local que freqüente, confessou que tirou todo seu fundo de garantia de uma vida inteira pra assistir um time que jogaria no Japão num mundial de clubes. Ao narrar isso, todas as pessoas que ouviram a historia ficaram horrorizadas. Como é que uma pessoa tira o produto de uma vida do banco e vai ver um time num país distante. E eu pensei, é provável que seja a única coisa que ele fez absolutamente notável, épica e dele. E todas as outras, guardar dinheiro, comprar casa, financiar, entrar num programa habitacional e trabalhar todos os dias, seja o palco no qual ele foi ensinado pela família, por deus, pela religião, a funcionar. Na insanidade desse porteiro, ele pela primeira vez foi alguém. E quando ele tiver neto, talvez ele diga a única coisa que ele fez a

vida inteira, vovô tirou todo o dinheiro e foi ver o time ser campeão em Tóquio. Os netos não saberão como ele bem não sabe onde fica Tóquio. Mas aquele ato extremo, ousado, terrivelmente épico, foi a grande insanidade lógica que deu luz, sentido a vida dele. Hamlet está dizendo, quando todo mundo é normal, racional, equilibrado, poupa, tem plano de saúde, se veste equilibradamente, combina bege com marrom, usa sapato preto fechado, quando as mulheres vão pra entrevista com colar de perolas, e os homens de terno escuro e gravata, quando todos dizem que querem contribuir pra empresa e querem dar tudo de si quanto gente pra que essa empresa cresça, quando todos publicam que são felizes, quando todos dizem sem cessar, esta é minha vida e minha vida é legal porque estou viajando e comendo esse prato. Quando todos dizem a mesma coisa eu preciso dizer que ser louco é a única possibilidade de ser sadio neste mundo doente. Quando todos dizem isso, eu tenho que ser o louco da corte, porque o louco da corte vai dizer no final que ele é o único que tem alguma luz de raciocínio, e alguma luz de felicidade mesmo morrendo. E é por isso que seu amigo diz no final o melhor elogio diante do cadáver, um pouco antes da entrada do rei que restaurará a ordem na corte. Diz 'bons sonhos doce príncipe. Se tivesses reinado, seria um grande rei'. Hamlet não reinou porque chegou a um ponto tão grande de consciência e sabedoria que Hamlet não precisou pegar a coroa pra ser príncipe, senhor da sua vida. Hamlet foi o primeiro homem livre, autônomo, como diz Bloom, o primeiro homem moderno. E ele nos desafia permanentemente, eu tive que matar toda a corte e morrer pra chegar a isso. Que preço cada um de nós, eu em primeiro lugar e vocês, estamos dispostos a pagar pela consciência de se tornar quem você é? Hamlet pagou um preço altíssimo, é um risco e um desafio. E um risco tão grande que é compreensível, pois a maioria não quer dar esse passo. Porque ser normal nesse mundo é ser louco. E ser enquadrado nesse mundo é ser, em primeiro lugar, ser alguém que serve para o palco alheio, para a peça escrita pelos outros, pro roteiro definido por terceiros. E ao final, como a morte é solitária, sem a palma de ninguém, apenas uma biografia vazia e absolutamente infeliz. Hamlet morreu como um doce príncipe, tendo purgado do mundo todos que viveram papéis distintos. Um preço alto, épico, teatral e retórico. Nós podemos aprender com o príncipe a capacidade de viver numa casca de noz e descobrir que a felicidade, que a busca da consciência, que a crítica social, que a ação política, o engajamento, não dependem nem do lugar, nem da hora, nem do momento, mas apenas exclusivamente daquilo que eu decida para aquela casca de noz onde se encontra todo universo.

1'04''43

Todo universo está contido na minha consciência, porque é a única coisa que eu tenho. Eu sozinho lendo um livro, ou eu trocando ideia como troco essa noite com os senhores, é um momento em que nossas consciências se questionam, avançam, e eu posso dizer muito longe do espírito da auto-ajuda, que diz 'aceite e você será feliz'. É muito mais grave do que isso. É tente descobrir vagamente quem você é. Então você não será feliz, mas sua consciência vai pelo menos fazer com que você não seja falso, vazio e comum. Que você pare de postar felicidade falsa que não convence a mais ninguém há muito tempo, nem a você mesmo. Por isso você passa cada vez mais horas postando ao celular, porque a dose da droga tem que aumentar a medida que o corpo resiste a ela. Hamlet está nos dizendo 'digam ao celular, digam ao computador, digam ao emprego, digam a roupa, digam a família, digam a tudo pelo menos uma vez na vida quem é que manda'. Porque até o momento são eles que mandam. Hamlet está dizendo comece a fazer algo, pois se não fizer em breve o resto será silêncio. E

esta é a lição do príncipe. Cada vez que leio o príncipe eu me envergonho de ser muito menos do que a consciência dele é. Eu me envergonho de ainda ser tão social, tão enquadrado. Eu me envergonho de varias coisas, e me alegro que aqui na minha contradição, na minha hipocrisia, eu consigo olhar pro príncipe e dizer 'eu gostaria de um dia, ao envelhecer, pelo menos tentar ficar sábio'. Ou seja, seguir o conselho do rei Lear, e não seguir a paixão com que Otelo matou desdemona, que MacBeth matou seu rei, que Romeu e Julieta se mataram sem querer. E com que Hamlet matou querendo praticamente todo mundo e ainda se orgulhando que ele tinha atingido na morte a consciência final. E era isso que eu queria trazer do bom príncipe Hamlet pra nossa noite, o resto é silencio.

1'08

O que Hamlet poderia dizer sobre a política brasileira nos dias atuais?

Desiste e vai pra Nova Iorque né. Acho que em primeiro lugar Hamlet riria da nossa bipolaridade. Estamos num momento de extrema burrice argumentativa, ou você é uma coisa ou outra. Toda bipolaridade tem tratamento psiquiátrico. O meu grande drama com a política atual é a pobreza da argumentação dos dois lados, do esgotamento argumentativo dos dois lados. A constatação de que há algo de podre no reino da Dinamarca ou no reino de Brasília é uma constatação dura de todas as épocas. A nossa capacidade de ouvir está muito baixa. No momento que eu não quero ouvir mais nada a solução em geral seria a guerra civil. Quando não quero ouvir o que o outro lado quer dizer a Espanha disse isso em 36. Então vamos dividir o pais ao custo de um milhão de mortes. A guerra civil é o encerramento do diálogo. Somos uma sociedade complexa e variada, com varias virtudes e defeitos, e a primeira condição seria ouvir. Ouvir pra fugir da bipolaridade. A bipolaridade é um recurso retórico. Ou você é deus ou o diabo. Ou é o bem ou o mal. Ou é Corinthians ou é palmeiras. Ou é petralha ou é coxinha. Essa bipolaridade, essa esperança que passo a vocês, é que ela é tratável, há medicação. Ela se resolve lembrando dos objetivos em comum da grande política, e não da política partidária. Nenhum dos partidos que ora nos dirige tem a idade do país. Nenhum abarca a complexidade do país, todos com seus bons e maus seguidores, são soluções dadas momentâneos. Então, a primeira condição da política é o dialogo, que o dialogo nos humaniza e você entende que em geral seu ódio é o outro é seu medo de si, essa seria a resposta hamleteana, e a capacidade de exercitar o seu mal para um segundo ou terceiro. Olhar a medusa sem virar pedra é a grande solução. Ou seja, para um minuto para escutar. E não apenas recusar a isso. E acima de tudo, sem inventar que no passado tudo era melhor. Isso é uma fixação bastante problemática sobre o passado. O passado era diferente, com coisas melhores e outras piores. Mas as pessoas inventam o passado, porque como diz Agostinho só temos o presente continuo. E eu invento a vontade sobre a memória do passado. Então, a política brasileira precisa urgentemente que as pessoas conversem entre si e que decidam depois o que fazer e parem de demonizar o que é diferente, e parem de achar que a qualidade é um fenômeno isolado num único estado e o resto é dominado pela podridão. Isso é fantasia e psicose.

1'12''08

A sonia pergunta: será que não estamos que brando essa ideia de solidão quando somos solidários, quando pedimos uma cidade plural, coletiva e respeitosa às adversidades?

Pode ser que sim, mas solidário tem uma raiz semântica muito próximo a solitário. E é importante pensar que posso querer o respeito a adversidade como um gesto político que apoio inteiramente ou posso querer o respeito a adversidade pra que eu possa existir sem ser incomodado. Constituir guetos de identidade pode ser um gesto de respeito e pode ser um gesto de isolamento, nada é em si, ou como diz o Shakespeare, assim o é se lhe parece. Então é preciso pensar que solidariedade é um gesto político de cidadania. É muito interessante eu pensar, muito interessante eu debater. A Sonia nos assistiu pela internet, aqui embaixo temos um auditório lotado de pessoas assistindo que são, como disse Jesus a Tomé, pessoas que acreditaram sem ver. Então vai o nosso elogio aqueles que não viram porém creram. Eu gosto muito da ideia de cidadania, da solidariedade, gosto muito dessa ideia. Mas temo que no discurso contemporâneo tenha a ver com uma prática norte-americana que se eu estiver no supremo tribunal federal um negro, uma mulher, uma lésbica, um gay, um heterossexual, um branco, um branco, um anêmico, um chinês, eu garantirei a democracia. Como se qualquer um desses não fosse apenas um ser humano. E como se eu pudesse garantir a democracia pelo mosaico. Ou seja, claro que da representatividade, da especificidade é fundamental. Mas a solução também pode esconder uma vontade que cada um seja o que quiser a vontade sem precisar negociar com ninguém esta diferença. Que eu acho que isso é muito mais contemporâneo e forte hoje.

1'14''50

Ainda sobre a questão da internet, ela pergunta se as redes sociais potencializam o poder do eu. Algumas pessoas apelidaram o facebook como a revista Caras do povo não famoso, porque o sonho de todos, segundo ela, é fazer sucesso algum dia. O que você pode falar sobre isso?

Acho que é uma versão otimista, porque pressupõe que quem esteja na Caras seja famoso ou importante. Eu podia chamar a caras do facebook dos 'wanna be' famosos. Na verdade é uma injustiça com a fama e com a caras, nos dois casos. Eu acreditamos que nós estamos gritando desesperadamente pra sermos observados, acredito que nós nos sentimos muito solitários, acredito que potencializamos o eu. Nós temos desde a invenção da imprensa no século 15 na Alemanha, a invenção do grande jornalismo no século 19 pro 20, a televisão e o rádio no século 20, nós temos um crescimento gigantesco da capacidade de comunicação com o grande público. Ainda estamos lidando com esses fatos, mas sem sombra de dúvida as pessoas estão dando opinião sobre tudo e isso é um bom exercício. Minha pergunta é se alguém está ouvindo a opinião alheia, se alguém está lendo a dos outros. Se eu tiver 35 grupos de whatsapp, família, amigos, empregos, se eu tiver 3 contas de instagram, se eu tiver 4 perfis no face, inclusive um fake pra sacanagem, se eu tiver tudo isso quem estou lendo de fato se todo meu tempo é consumido pela atualização dessas questões. Eu como pessoa mais velha assisti ao nascimento do celular, do computador pessoal, vi tocar o primeiro celular em sala de aula. Os jovens não sabem disso, mas não havia celular antes. E como dizem algumas alunas 'não posso desligar professor, eu tenho filhos'. Como será que nossas mães nos criaram sem o celular? Ou seja, minha preocupação não é com a tecnologia. Eu uso o celular, ele é muito útil, resolve muitas coisas. Minha preocupação não é tirar ou reforçar o celular, isso é secundário. Minha preocupação é quem sou eu que preciso estar presente com tantas personagens, em tantos espaços, pra que tanta gente me veja. Quando falo na televisão e essa televisão tem

interação com as redes sociais, eu tenho a sensação que ninguém escuta, que muitos telespectadores estão casados comigo: não me escuta e não temos sexo. Ou seja, casamento absoluto. Tenho a sensação que cada um emite sua opinião imediatamente quando identifica que eu disse alguma coisa. E graças a isso ficam mandando mensagens. A participação é muito boa. E quando eu escuto, interajo, é fundamental. Temos a chance de uma virada epistemológica no século 21, em que o conhecimento atingiu um novo patamar. Temos a chance, mas isso ainda não ocorreu, nós não estamos mais brilhantes ou mais produtivos do que há 30 anos. Apenas estamos incrivelmente mais ocupados com o mundo virtual. Eu saí com uma profissional de arquitetura que fazia um trabalho pra mim, e ela sentou comigo pra jantar e discutir um problema de reforma, e ela atendeu o celular. Eu fiquei esperando, certamente era algo grave. Continuamos a conversar e ela atendeu novamente. Eu esperei, certamente era algo gravíssimo. Na terceira vez tocou o celular dela, era eu ligando pra ela e dizendo 'já que você prefere pelo celular, vamos ter nossa reunião assim'. E tivemos, e o celular dela não tocou mais. É uma questão de escolha, me preocupa que a realidade virtual se sobreponha a realidade real. Me preocupa isso, mas é provável uma preocupação de idade, talvez não seja uma preocupação de crianças ou jovens. Me preocupa que a fala reflexiva, que é o tom da fala do Hamlet tenha desaparecido. E a fala informativa esteja dominando. Como diz num filme sobre a dificuldade de Shakespeare, o problema de Shakespeare é que nunca diz vai daqui pra lá, ele diz toma das asas de mercúrio e passa deste pronto pra aquele onde o sol se põe. As metáforas, as interpolações, os adjuntos, os vocativos shakespearianos tornam complicada a frase reflexiva porque a frase reflexiva pressupõe pensar no que estou dizendo. E quando penso no que estou dizendo curiosamente eu digo menos porque é muito mais significativo. Quando eu não penso no que estou dizendo, eu digo mais coisas porque elas perderam o sabor e se tornam como no quilo. Apesar de o restaurante por quilo ser uma maravilha, que reduziu todos os alimentos a um mesmo sabor. O chuchu, a vitela, o purê, o milho, alface, todos tem o mesmo gosto. E as pessoas põe um pouco de cada, como se fizesse qualquer diferença, o frango, o peixe ou a carne. E escolhe ervilha como se escolhe perolas, uma por uma, e colocam delicadamente no seu prato. E eu fico pensando, é tão sem graça essa comida que tem que ter muito cuidado ao comer, pra eu sentir comendo alguma coisa. Ou seja, quando eu não tenho sabor nas coisas que eu vivo e faço, eu multiplico as coisas que vivo e faço, e falo mais. E saio mais. E faço mais festas. E tenho mais amigos, e viajo mais, e não paro de viajar. Porque como eu não consigo estar comigo eu quero estar em todos os lugares do mundo, porque eu não tolero estar na minha casa ou pensativo. Então tenho de estar no stress do aeroporto... É uma vida pra rodar, rodar, até que fique tão tonto e perca a consciência de mim mesmo. Por isso que viajamos mais do que jamais viajamos no passado, porque nós não estamos vendo mais nada. E batemos fotos que vão pro computador e que não vão ser vistas por ninguém. Ou vão ser enviadas pra 10 mil pessoas que não vão ver ou vão ter inveja que estou viajando e vão responder apenas 'kkkkk'. Ou seja, esse é o vazio que o hamlet estranharia, já que o hamlet faz toda a peça dele num único espaço da corte. E dali eles falam apenas de uma viagem a Inglaterra de navio, mas toda peça se passa ali, porque a casca de noz de Hamlet é suficiente pra ele.

1'23''06

Gostaria de perguntar se você acha que a tomada de consciência do Hamlet faz com que ele perca o medo da morte e se você acha que nossa sociedade esquece um pouquinho desse fato que nós vamos morrer.

A pergunta objetiva seria por que ter medo do que é inevitável. Como não posso ter medo do por do sol eu não posso ter medo da morte. Não adianta eu dizer 'acho que amanhã o sol vai nascer', eu não posso ter medo daquilo que independente da minha vontade vai ocorrer. Então a morte é absolutamente estranho ter medo da morte. As pessoas chegam a um grau do eu, ele fala a um amigo eu não acredito em deus, mas se eu ver algo eu volto pra lhe dizer. Ou seja, talvez não exista um deus, mas o meu eu existe e ele vai sobreviver na eternidade. E vai voltar. É uma crença de que meu eu é mais forte até do que deus. Eu acho que o medo da morte tem uma resposta religiosa clássica e o medo da morte é negado na nossa cultura mas na verdade nós não pensamos que nós podemos ser mortais. O fato que cada vez mais queremos prolongar a juventude é um momento histórico muito específico. Ou seja, o fato de que a velhice seja tida como um defeito, e não como um estágio apenas da existência é um fato muito contemporâneo da ascensão da juventude a partir da década de 60. O fato que os jovens dominam uma tecnologia que os mais velhos não dominam e pela primeira vez na história os mais velhos não são os detentores do saber da tribo, mas os mais jovens, faz com que nos submetamos a uma coisa absolutamente estranha pra parecermos jovens. Eu tenho colegas de minha faixa etária, e quando o chamam de senhores, 'vai parecer que sou velho'. É sempre uma questão de comparação. Como já cumpri mais da metade da existência, dizer pelo menos que sou uma pessoa experiente é justo. E é inevitável que assim seja. Mas o que quero dizer é que o medo da morte é sinal da falta de conhecimento. A grande sabedoria de vida é a preparação pra aquilo que vai dar sentido a tudo que fiz que é morrer. Quando eu morrer vou dar sentido a tudo que fiz. E poderei dizer o que disse Gandhi pouco antes de ser assassinado em 48, qual mensagem que o senhor deixa pra Índia? E ele responde, a minha mensagem é a minha vida. Esta é a grande questão, a morte é inevitável, ter medo dela é estranho. Ah eu tenho medo; vai morrer igual. Se você acha que deve se matar, seja discreto, não precisa ser num local famoso nem jogar um avião. Mate-se discretamente. Vai a Índia, toma um copo d'água numa praça e pronto. Porque a pessoa que quer se matar num local famoso ou levar um avião mais 149 pessoas juntos, é uma pessoa que não é um suicida, é um carente, que quer dar um sentido glorioso a sua morte já que sua vida não teve absolutamente nenhum. A vida, sem a morte, hamleteamente falando, seria insuportável. A que pediu a vida eterna ao deus Apolo e se esqueceu de pedir a juventude, quando completou mil anos queria morrer mas não conseguia. Os vampiros são melancólicos porque são eternos. Em crepúsculo, alvorecer, os vampiros são sempre depressivos, estão mal, sempre olham pra baixo, porque os vampiros não morrem. É só o morrer que torna a vida plena de sentido. Se chego e digo que essa vai ser a última aula que vou dar na vida como professor, essa aula teria um sentido extraordinário. É exatamente o fim que torna algo mais importante. Morrer é o que nos torna úteis e práticos. E quando eu for esquecido, minha vida terá atingido seu pleno patamar, porque ser esquecido significa que o papel foi cumprido. E como qualquer ser eu desapareci. Não é melancólico, não é depressivo, é absolutamente alegre. Melancólico e depressivo é você querer esconder a idade ou a falência inevitável da vida.

1'28''19

A Fernanda gostaria de saber na sua opinião se o fato de Hamlet ser jovem influenciou a intensidade de dilemas que vivenciou e as soluções as quais ele chegou. É uma peça também sobre essa transição da juventude e da inocência para outro estágio, talvez mais consciente a respeito do que o cerca e do que ele pode e quer fazer?

É possível que sim porque Hamlet começa a peça com prováveis 23 anos, segundo se calcula, e termina a peça com 30. E essa mudança é dada, 23 pra 30 é um adulto e um homem de meia idade no século 16 pro século 17. Quando a media de idade não chegava a 35 anos, 23 era bastante. A questão da juventude é uma questão relativa e a ascensão do jovem é muito recente. Haja visto que na época de Hamlet não há por exemplo adolescência. Adolescência é uma invenção posterior. A questão grave do Hamlet é a tomada de consciência da idade, do cargo e das grandes questões. Se Hamlet fosse apenas um home pratico, Hamlet é declarado no ato 1 que ele será o sucessor de Claudio. Logo ele já está com a corte garantida. Basta ele fazer com o tio o que o tio fez com o pai dele, derramar veneno no ouvido. Ou seja, a questão do Hamlet não é esperar pelo poder ou pela estabilidade dada pelo poder, mas que tipo de vida ele quer viver, que tipo de vida ele acha que vale a pena ser vivida. Ou seja, a arte do Hamlet é o exercício da vida e não o objetivo final. E nisso Hamlet se aproxima de um poema épico famoso, que a cena mais famosa pros hindus é quando deus aconselha o guerreiro que está querendo não lutar na batalha, e o deus krishna diz a ele 'você tem de lutar, pois esse é o seu sentido, você é um guerreiro, e se você lutar bem esse é o seu sentido e isso o tornará possível, tornará existente, você precisa fazer o que você precisa fazer'. Por isso ele se torna um guerreiro bom e modelo de comportamento. Hamlet vai ter que fazer o que ele precisa fazer, trabalhar com a verdade. E o preço da consciência é de alguma forma, senão biologicamente mas mentalmente, o envelhecimento. Mas como não estamos aceitando o envelhecimento, nós criamos crianças cada vez mais protegidas do mal, porque nós achamos que envelhecer é o fim da felicidade, e a vida adulta não é uma fase feliz. Por isso criamos crianças que devem viver cada vez mais protegidas e com menos traumas. Porque como nós achamos dolorosa nossa consciência, nós queremos privar os filhos dessa consciência. E graças a isso estamos criando crianças cada vez mais imbecis em vários sentidos. Porque é o trauma que faz crescer, porque é o trauma que mostra o limite do meu mundo e o limite do outro. Como fui criado por uma geração que não tinha trauma e se batia com facilidade, e se insultava, e os professores debochavam, riam e não tinha trauma nem processo. E a gente não vivia o bullying, porque a gente era o bullying inteiro, o tempo todo na escola, a gente foi obrigado a amadurecer num sentido. A melhor coisa a se fazer com uma criança é dizer quanto mais cedo isso for possível, que ela deixe de ser criança e comece a ser um adulto. Ou seja, como acho isso difícil pra mim eu acabo impedindo que esse filho tenha acesso à vida adulta, porque ele é minha chance de mortalidade como disse caligares num texto 'já que não há mais deus eu vou continua no meu filho, e eu não posso punir nem bater no meu filho', mas ele pode bater em todo mundo e ele pode fazer o que quiser porque o importante é ele ser feliz na medida que não sou. Ora, suponho que uma criança também deseje a felicidade dos pais, e não apenas a sua própria.

1'32''37

Minha pergunta é especifica ao Hamlet e suas traduções. Por você ter dito que tem uma experiência profunda com Hamlet, leu e releu, você já citou o Millor, que se gaba de ter feito

talvez a melhor tradução de Hamlet, e li um artigo uma vez dizendo que em relação a sexualidade em Hamlet, porque há relatos que essa obra foi até censurada. Queria saber como se dá comparando algumas traduções e como isso é colocado até por umas obras quererem retratar e puxar pro português do século 15, como isso dá em relação ao sexo.

Shakespeare é notavelmente erótico, o baixo corporal é muito presente em Shakespeare. Há uma cena que o porteiro atende no MacBeth, uma cena de maior tensão na peça porque acabou de ser assassinado o rei da escócia, e o porteiro atende e faz uma longa explicação sobre os efeitos do álcool na sexualidade. E o porteiro explica que o álcool excita a vontade mas retira as condições. Ele excita mas murcha, ele aumenta mas faz fracassar. Ele esta se referindo metaforicamente ao baixo corporal. Há cenas de vulgaridade impar em varias peças de Shakespeare em que o baixo corporal a tolerância é muito maior do que no século 18. Você vai encontrar melhor referencia a sexualidade em Shakespeare do que em Racine no século 17. De fato Millor fez uma boa tradução para o teatro, a tradução dele é muito boa pra quem vai representar. Se você quer ler uma tradução muito boa e não vai representar, a Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, mãe da Barbara Eliodora, faz a melhor tradução pro português, que está contida na edição do Harold Bloom 'hamlet poema ilimitado' e também em outros lugares. A Barbara traduziu quase todas as peças menos o Hamlet, porque o Hamlet sua mãe tinha traduzido. E a tradução da Anna é muito boa. Você quer ler uma tradução literal, bilíngüe, o professor da USP John Milton fez uma excelente tradução. O professor Helvio fez uma tradução interlinear. Existem traduções em inglês para o inglês moderno. Se preferir, você pode ver um filme que ele é toda peça e assistir ao filme equivale a ler a peça. A peça completa do Hamlet leva até 5 horas para ser encenado. Por isso que o próprio Shakespeare cortava a peça, para torná-la possível pro teatro. A única pessoa que aumentou esse tempo foi no Teatro Oficina Ze Celso, que fez um Hamlet ainda maior. Ele conseguiu aumentar o texto do Hamlet. Mas geralmente ele é cortado. Mas a tradução as vezes é tão misteriosa, só pra dar um exemplo, há 80 anos a primeira grande tradução para o português introduziu uma palavra na peça. Introduziu a palavra 'vã'. Quando Hamlet diz 'há mais mistérios entre o céu e a terra, do que possa imaginar vossa filosofia', mas o tradutor introduziu 'vã'. Ficou tão boa essa palavra que quase todos os tradutores, inclusive os modernos, mantiveram o 'vã' que não está no original. Fica bonito 'vossa vã filosofia'. E as pessoas passam a citar uma frase que não é shakespeariana, já que a palavra não é muito usada por Shakespeare. O que significa isso? Tradução é datável, tradução tem entropia, ela perde o sentido original, tradução tem que ser refeita de tempos em tempos. A melhor coisa há fazer é pegar uma edição bilíngüe como a do John Milton e do Helvio, e começar a comparar linha a linha. E pra entender a sutileza do texto. Só pra dar um exemplo, no ultimo dialogo de Hamlet com Ofélia, em que polônio a empurra pra testar a insanidade dele, ele diz a ela 'vá pra um convento'. Só que freira é também do século 16 pro 17 nome de prostibulo. Já que pros protestantes o convento era também prostibulos. Ele está fazendo esse jogo de palavras. Ele faz esse jogo de palavras quando Ofélia pega as flores e começa a entregar a Claudio. Porque ele vai fazendo jogo de palavras com as flores em inglês. O que significa cada um alguma coisa. Ou seja, o alecrim, o rosmaninho... é a planta rosa do mar, e pro mar foi o seu Hamlet que não voltou. E aí uma boa edição com notas ajuda caso o inglês do século 16 e 17 ofereça dificuldades. Para consolá-los, oferece dificuldades para americanos e ingleses também. Como a peça de Camões 'el rei dom seleuco' que ninguém mais lê, é uma peça difícil

pra um lusófono contemporâneo. Uma peça mesmo de Gil Vicente, é quase impossível para uma pessoa contemporânea, mesmo que ela seja em português. É preciso lembrar que a língua é histórica. Então eu recomendaria: você quer representar, Millor; você que ler, Anna Amelia; você quer comparar, neste caso as edições bilíngües; você quer ver, porque Hamlet é uma peça, não é uma obra pra ser lido como Quixote, de 1605; Hamlet é uma peça, logo convém ver um filme ou vê-lo encenado. Eu adoro ver as encenações, elas são muito variadas. E tive a experiência no festival de teatro de Avignon, de ver Hamlet em cambojano. Eu não entendi absolutamente nada, fiquei feliz em ver que as pessoas na platéia também não estavam entendendo nada, porém, como conheço bem a peça, vi como um grupo cambojano encenava o Hamlet. Ou como os japoneses encenam por exemplo Macbeth ou Rei Lear, como traduz pro cinema japonês essas peças. Resultado, é uma obra, usando a expressão do Umberto Eco, aberta. E a tradução é uma obra aberta. O problema das traduções que circulam na internet é que elas são as traduções feitas há 70 anos e que não tem mais direitos autorais. São essas que circulam na internet. E aí o Hamlet fica pesado, difícil e chato de ler, porque as pessoas usam português parnasiano pra traduzi-lo. Aí fica tão chato como uma poema de Bilac. Com certa injustiça porque Bilac tem alguma coisa boa que vou descobrir. Mas existe uma questão da idade da tradução, que é muito importante. Traduzir é uma arte e a perda do sentido natural é muito importante. Não é fácil entender Hamlet ou Shakespeare na Inglaterra contemporânea. Eu já assisti Shakespeare na Inglaterra, não é fácil entender. Eu entendo porque li, se não tivesse lido eu não entenderia. Agora se você quer ouvir a melhor dicção de todos os tempos, Laurance Olivier, este homem é uma aula de dicção, do filme de 48 que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro. O filme não é um bom filme, é uma boa peça filmada, mas é brilhante a dicção. Comparado com o inglês contemporâneo é genial.

1'42

Eu queria saber como era Shakespeare na época dele, ele era uma pessoa popular, todo mundo assistia a peça dele ou era uma coisa de elite?

Ele foi um homem que trabalhou em companhias populares. Shakespeare era reconhecido como um bom autor de poemas, mas nunca publicou em vida nenhuma das suas peças. O primeiro fólio que os amigos organizaram é posterior a sua morte. Shakespeare foi um homem conhecido como diretor de peças, como autor e como empresário do mundo teatral. Quando morreu, morreu em quase completa obscuridade. Sua única neta faleceu ainda no século 17, e a família de Shakespeare se encerrou. Não há nenhum descendente vivo. Ele teve 3 filhos. Um filho chamado Hammet morreu, eram gêmeos. Hammet e a irmã. E sua outra filha teve um filho e essa neta que morreu no fim do 17 encerrou a genealogia de Shakespeare. Ele deixou pra sua esposa a segunda melhor cama, é muito curioso, está no testamento dele. É uma expressão do século 17, a primeira é a de hospedes, a segunda é a do casal. Então ele deixou pra esposa a cama do casal, bonito, romântico... Shakespeare encerrou a sua existência quase totalmente obscuro. Como todos os autores, ele foi proibido no período puritano, já que durante a revolução puritana os teatros todos foram fechados, os bares e os prostíbulos. Terminada a revolução puritana, rei Carlos II, Shakespeare volta a ser encenado fracamente, e no século 18 Shakespeare é atacado por todo lado. Voltaire diz que ele é cheio de idéias mas é vulgar. Goethe acha que ele é engenhoso mas é difícil, um homem datado. E apenas os alemães românticos começam a traduzir Shakespeare para o alemão no fim do século 18. E os

alemães começam a descobrir no meio do movimento que Shakespeare era maravilhoso, e o resultado, os alemães começam a encenar Shakespeare. E os ingleses vitorianos começam a usar Shakespeare. E apenas no período da rainha Vitória, em 1837 a 1901, Shakespeare se torna o poeta nacional inglês. Tanto que surge ali, identificado no século 20, a bardolatria, o culto a Shakespeare, já que bardo em inglês... Bardo em português é qualquer poeta. Em inglês, The Bard é unicamente Shakespeare, como o filósofo é Aristóteles. E a partir do século 19 Shakespeare é canônico, e a partir do século 20 cometem o pior crime que pode fazer comum autor, que no Brasil fizeram com Machado: ele passa a ser dado nas escolas. No momento que ele vira matéria de prova da professora de literatura, todo amor à obra desaparece. E os ingleses crescem com ódio profundo daquele autor difícil, enrolado, quando eles tem de dizer na prova sobre Shakespeare. Resultado: ao torná-lo matéria escolar de jovens, em geral despreparados para aquela leitura, Shakespeare foi eliminado. É um mistério de Machado. Ele é o grande da literatura brasileira, seu texto é curto, irônico, frases sintéticas e as pessoas crescem com ódio da Capitu, com ódio do Bentinho, porque tiveram que fazer prova sobre o Dom Casmurro. Ou seja, em geral a escolarização do conhecimento é a esterilização do conhecimento. E Shakespeare perde vida. No filme 'sociedade dos poetas mortos', o professor tem dificuldade em dar aos alunos Shakespeare e começa imitando Marlon Brando, que tinha acabado de estreitar seu Julio Cesar. Então imitando o sotaque forte de Marlon Brando começa a seduzir os alunos. Eu já tive essa experiência no ensino médio, na faculdade, já dei curso sobre Shakespeare na Unicamp, de como os alunos começam meio reticentes e de repente descobrem este oceano que é Shakespeare, e como Shakespeare sempre entra na vida deles, e como isso se torna uma coisa transformadora, pra você pensar as coisas. Basta que a pessoa que conduz uma alma jóia a ilha de Shakespeare tenha sensibilidade do que prospero, aquele que diz, na peça Tempestade, somos feitos da mesma matéria dos sonhos. E quando eu percebo, e consigo fazer um aluno perceber que ele é feito dos mesmos sonhos de Shakespeare, então aí Shakespeare volta a se tornar imortal, e volta a dialogar com ele. Como todos os grandes autores. TS Eliot diz que o mundo moderno é dividido entre dois patamares, Dante Alighieri e Shakespeare, não há um terceiro. É uma injustiça porque acho que o Quixote é um outro patamar, e Shakespeare tem uma coisa importante: ele escreveu em inglês, e isso lhe deu uma universalidade a partir do século 19 quando o inglês se tornou a língua do mundo, já que antes era o francês. E antes disso o latim. Então isso é muito importante, os autores vão e voltam, e Shakespeare se tornou canônico apenas no século 19. E aí vem a bardolatria, o culto a Shakespeare. Ele é legal até quando não é legal. E essa é uma característica interessante.